

Considerações sobre o processo da produção escrita de um jovem surdo – uma perspectiva longitudinal

É consenso entre profissionais e pesquisadores nos dias atuais, que a inter-relação entre as diversas áreas de conhecimento se constitui no mais valioso caminho norteador de uma prática educacional promissora. Os mais diversos tipos de informações sustentam as práticas pedagógicas atuais, advindas da filosofia, sociologia, lingüística, antropologia, psicologia, fonoaudiologia, neurologia, entre outras. Assim nos deparamos, neste final de século, com um educador detentor de um saber eclético, que dispõe dos mais diversificados tipos de conhecimentos para enriquecer a interlocução cotidiana da qual participa. Por entender que a educação vem sendo, cada vez mais, compreendida como um fenômeno interligado às questões sociais, que, por sua vez, se encontram inseridas em uma realidade específica, considero imprescindível situar o leitor, ainda que brevemente, no contexto histórico aqui tratado.

Esta pesquisa longitudinal iniciou-se no ano de 1988, na pré-escola, com um educando surdo de nome Carlos Eduardo

Cristiane Cotta e Silva

Mestre em Educação pela UFF, Especialista em Deficiência Auditiva e Psicopedagogia, Professora contratada pelo Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Mater Divinae Gratiae" da UNIPAC/ Barbacena.

que possuía, na época, 7 anos de idade e uma perda quase total da linguagem oral, decorrida de uma surdez ocasionada por uma meningite. Foi desenvolvido um trabalho especializado, em horário extra-escolar, com duração de uma hora e meia diárias.

Carlos se utilizava de variadas estratégias de expressão para intermediar a sua comunicação oral e escrita. Inicialmente ele compreendia melhor os significados dos contextos através de recursos concretos/visuais, como: desenhos, filmes, textos com ilustrações, gestos familiares ao seu mundo. Assim, as atividades que envolviam recursos desse tipo, realizadas pelas professoras com sua turma, principalmente durante o processo de alfabetização, auxiliavam em seu percurso evolutivo, lingüístico oral e escrito. Os preceitos da abordagem oralista foram escolhidos por opção conjunta entre seus pais, educadores e especialistas como norteadores de seu desenvolvimento, apesar de ser utilizada, nesta época, a filosofia do Comunicação Total na educação de pessoas surdas. Assim, em consonância com as atividades da escola, foi desenvolvido inicialmente um acompanhamento pedagógico com prioridade no desenvolvimento lingüístico, fundamentado no Método Perdoncini de Linguagem e, posteriormente, a partir de um processo de interação dialógica. Esse processo consistia em que professora especializada e aluno trabalhassem como parceiros na construção dos textos escritos (para maiores aprofundamentos, consultar Silva, 1998, cap. 3).

Foram então, selecionados e analisados 27 textos de diversos gêneros desta criança, desde o último período da pré-

escola, até a 6ª série do Ensino Fundamental, produzidos a partir de propostas dos professores da escola regular de ensino, da professora especializada e também espontaneamente.

O contexto das interações inter-subjetivas em que estas produções foram elaboradas também foram enfatizadas. O pressuposto teórico-metodológico que sustentou a pesquisa foi uma concepção dialógica e constitutiva da linguagem, onde se pode pensar o sujeito com/sobre/da linguagem.

Os produtos escritos de Carlos foram considerados no estudo não como produtos acabados, mas como partes constituintes de um conhecimento em relação, que forneceram informações acerca do seu processo de apropriação da linguagem escrita. Como primeiro objetivo norteador da análise dos textos selecionados foram evidenciados os problemas que se colocavam para Carlos no processo de aprendizagem do discurso escrito. Em seguida, as reflexões realizadas no momento em que produzia estes textos.

Geraldi (1991, p.193-194) apresenta uma categorização de problemas que emergem em textos de alunos ouvintes, a partir de análise lingüística realizada por ele em muitos textos. Essa categorização, com exceção daqueles de ordem fonológica, foi utilizada aqui como orientação para análise das questões problemáticas encontradas na produção do aluno surdo em questão, nas quais foram evidenciadas:

- (a) questões de natureza semântica, no que diz respeito à ordem das palavras na frase, à organização das referências dêiticas¹ no texto, à compreensão do significado de expressões e

¹Segundo Cervoni (1989) "dêiticos" são elementos que remetem o leitor para inferir o contexto geral, isto é, o "cenário" do texto, cumprindo a função de remeter para fora do contexto de enunciação: eu, tu, aqui, lá, agora, indicando o escritor, o leitor, o lugar e o tempo em que o cenário ocorre.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

JUN/99

70

palavras, ao aspecto verbal, ao controle de referências nos textos, entre outras; e

- (b) questões morfosintáticas, como a formação de combinações de preposições com artigos e outros elementos, a flexão de número e gênero e a coordenação de sintagmas nominais e oracionais.

No processo de reflexão sobre a linguagem escrita, Carlos se manifestou em ocorrências que indicavam oscilações, repetições, autocorrekções, inserções, hesitações, esclarecimentos, lapsos entre outras operações, que apontaram para a manipulação e reflexão do material linguístico pelo escritor. Essa atividade revelou-se presente em quase todos os textos.

No período inicial de sua escolaridade, Carlos utilizou as ilustrações dos textos como recurso de apoio para preencher os "espaços em branco" na construção do sentido desses textos. As relações dialógicas intersubjetivas parecem ter proporcionado um efeito muito produtivo como suporte na elaboração de suas produções escritas. Contudo, à medida que ele foi desenvolvendo suas habilidades para a escrita, foi reelaborando e reformulando as variadas estratégias e as suas concepções sobre as normas da Língua Portuguesa escrita.

A produção de textos, cujos assuntos foram desenvolvidos a partir do conhecimento de mundo próximo ao menino, parece ter demandado um esforço cognitivo menor do que a criação de textos em que as informações se mostravam distantes de seu mundo. Este segundo tipo de texto trouxe problemas em sua elaboração, ligados principalmente às questões de natureza semântica e morfosintática.

Outra questão que se mantém muito presente durante toda a análise dos textos não espontâneos diz respeito ao controle das referências dêiticas. Carlos concentra também grande parte de seus esforços para solucionar suas dificuldades nas concordâncias verbais em relação ao pronome e ao tempo, particularmente no uso do ser, estar, ir. O verbo estar era usado muitas vezes substituindo outros verbos, ou como auxiliar de palavras

que deveriam estar sendo utilizadas como verbos.

O uso de preposições também se mostrou problemático para Carlos. Apesar disso, foi possível observar nos últimos textos algumas construções já bem organizadas e, parecendo até, estabilizadas.

Simultaneamente aos problemas que Carlos tentava resolver, encontrei recursos sofisticados, como o uso de aspas, destacando elementos do texto e reticências, indicando o prolongamento de uma fala, ou o inacabamento de um período.

Um dado bastante singular se revelou na apresentação de recursos da língua escrita utilizados pelo menino para indicar a representação de um som, tanto em algumas sílabas que continham fonemas, quanto em palavras cujos fonemas são emitidas por uma longa duração de tempo: ti ti ti..., tr tr tr..., trrrrrrrr..., muliiiiiiiito, todos foram repetidos várias vezes. Outro dado singular foi a utilização de expressões que não são usadas comumente na Língua Portuguesa, mas que fornecem uma idéia exata do objeto nomeado: "círculo do Km" para designar um velocímetro.

Parece-me plausível considerar que surdos que se encaixam no mesmo contexto de Carlos tendem a recorrer com mais frequência ao seu sistema de conhecimento de mundo, como mecanismo de facilitar e aumentar a utilização dos seus processos mentais e de produzirem textos mais ricos e complexos em termos linguísticos. Assim, inferimos com este raciocínio que textos que possibilitam a relação do sujeito surdo com seu "mundo interior vivido", oferecem maior incentivo às produções escritas mais densas de informações, (textos mais ricos e complexos em termos linguísticos), certamente pelo fato de que suas experiências de vida encontram-se ancoradas em sua memória mais recente.

É importante ressaltar, também, que a análise dos dados me permitiu observar um processo fortemente marcado pela descontinuidade, em que aparecem constantes elaborações e reelaborações no interior das produções escritas por Carlos.

Essa descontinuidade é considerada

no processo do Carlos, no sentido de que os seus conhecimentos não vão se acumulando numa direção uniforme e unidirecional: uns se constituem, enquanto outros são destituídos, embora seja possível que reapareçam mais tarde.

A análise dos bilhetes foi importante principalmente por dois motivos: o primeiro está relacionado à observação de que Carlos utiliza a língua escrita como um instrumento do seu mundo; e o segundo, pela constatação de que os textos escritos espontaneamente parecem apresentar menos problemas do que aqueles produzidos por obrigação escolar. Esta é uma questão que merece outras pesquisas.

Sendo assim, concluo que as questões tratadas nesta pesquisa devem ser consideradas não somente na construção de um quadro teórico que subsidie novas propostas de ensino da Língua Portuguesa como primeira ou segunda língua para educandos surdos, mas também para apontamentos que sejam utilizados como reflexão, acerca de prováveis soluções que viabilizem, tanto a integração destes indivíduos no sistema educacional brasileiro atual, quanto na comunidade de ouvintes.

Educar surdos é menos impor modelos educativos que propiciar condições para que estes sujeitos se constituam através de uma atividade na/da linguagem, desenvolvam-se em seu modo de comunicação, seja ele oral, escrito ou gestual, para que conquistem sua identidade e realização pessoal enquanto cidadãos. O que importa para qualquer indivíduo surdo ou não, é ser livre para optar por sua forma de constituição e de expressão, enquanto integrantes de uma sociedade globalizada, em que cada pessoa pode ser concebida como centro gerador do desenvolvimento de si mesma e das comunidades a que pertence no milênio que se avizinha.

